

SEÇÃO: ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA MODERNA

## VICO EM PREFÁCIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES<sup>1</sup>

*Vico in prefaces: some considerations*

José Valdir Teixeira Braga Filho<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3606-3655>

[valdirdrummer@gmail.com](mailto:valdirdrummer@gmail.com)

**Resumo:** Este escrito ensaia uma abordagem sobre a função do prefácio na filosofia de Giambattista Vico e também nos paratextos em alguns dos estudiosos que se dedicaram à sua obra nos séculos XIX e XX. O objetivo desta análise é indicar argumentos que revelam a atitude dos autores diante do contexto mais amplo no qual a obra se situa. Defende-se a hipótese de que os prefácios em questão não apenas buscam construir melhores condições para a recepção da filosofia de Vico, também buscam defendê-la do desinteresse sofrido da parte dos seus pares. Além disso, percebe-se que a obra de Vico possui características que os prefaciadores não puderam contornar, como a dificuldade de sua escrita e a amplitude dos temas que aborda. Por fim, conclui-se que nos casos em questão, os prefácios ocupam a um só tempo uma função editorial, pedagógica, retórica e filosófica.

**Palavras-chave:** Prefácio. Filosofia. Estudos Víquianos. *Scienza Nuova*.

**Abstract:** This writing attempts an approach to the function of the preface in Giambattista Vico's philosophy and also investigates the peritexts in some of the scholars who dedicated themselves to his work in the 19th and 20th centuries. The aim of this analysis is to indicate some moments of the argument that reveal the authors' attitude towards the broader context in which the work is situated. Our hypothesis is that the prefaces in question not only seek to build better conditions for the reception of Vico's philosophy, but also seek to defend it from the lack of interest suffered by his peers. In addition, it is clear that Vico's work has characteristics that the prefaces could not overcome, such as the difficulty of his writing and the breadth of the themes he reflects on. Finally, it is concluded that in the cases cited here, the prefaces occupy not only an editorial function but also a pedagogical, rhetorical and philosophical.

**Keywords:** Preface. Philosophy. Vichian studies. *Scienza Nuova*.

### 1 Introdução

Existem dois indícios da rejeição que a filosofia de Vico recebeu durante seus anos de vida: a crítica desfavorável e caluniosa sobre o *De Antiquissima* e a ausência de acenos que

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos pelos apontamentos feitos na versão preliminar no texto.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) com bolsa concedida pela CAPES, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UECE) e bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

indicassem que a *Scienza Nuova* (1725, 1730, 1744) foi lida. Ambos revelam a condição de isolamento na cidade de Nápoles, conforme relatado por ele em sua autobiografia. Ao falar de si próprio na terceira pessoa, ele escreveu:

Vico vivia na sua pátria não só como um estrangeiro mas também como um desconhecido. Conquanto fosse detentor de tais sentimentos, de tais práticas solitárias, ele não deixava de venerar de longe, como numes da sabedoria, os anciãos que se distinguiam pelo seu conhecimento das letras, invejando com verdadeiro pesar os outros jovens que tinham a sorte de conversar com eles (VICO, 2017, p.96)

Neste trecho, é possível notar que o autor lamentava a sua condição de isolamento, desejoso de estabelecer uma relação mais estreita com os seus pares. Diante da rejeição dos seus contemporâneos, é preciso reconhecer que o autor também contribuiu para tal condição devido à sua escrita. Estudiosos favoráveis e contrários a Vico geralmente destacam essa dificuldade considerando-o um pensador obscuro ou confuso<sup>3</sup>. Mesmo o entusiasmado texto de Berlin sobre Vico apresenta uma forte indisposição quanto à escrita:

Ao ler-se Vico, é constantemente necessário separar o joio do trigo, o que não é tarefa fácil. Todos os seus trabalhos filosóficos, e particularmente a *Scienza Nuova*, são uma amálgama de senso e contra-senso, uma massa desordenada de ideias, algumas lúcidas e interessantes, outras deformes e escuras, pensamentos novos e audaciosos embaralhados com fragmentos triviais de uma extinta tradição escolástica, todos eles colidindo entre si, no caos da sua mente surpreendente fértil, porém mal ordenada e sobrecarregada (BERLIN, 1982, p.75)

Segundo o entendimento de Berlin, a obra de Vico é caracterizada por uma desordem. Por outro lado, é preciso lembrar que sendo professor de retórica, Vico estava plenamente consciente dos elementos que compõem um texto. Portanto, talvez seja plausível considerar que o carácter específico de sua escrita, seja fruto de deliberação em vez de limitação, uma vez que ele demonstrou preocupação com a transmissão de suas ideias. Um dos princípios que regem seu pensamento consiste na ideia de que a filosofia deve contribuir para a construção da civilidade.<sup>4</sup> Tal princípio se traduz na célebre introdução da

---

<sup>3</sup> A problemática da obscuridade (e da ambiguidade) das obras de Vico permanece um problema para pesquisadores contemporâneos. Para Barbara Ann, Vico só é um autor obscuro na ausência da estrutura conceitual proveniente do mundo conceitual experimentado por Vico. E em vista desta ausência que foram produzidas interpretações que incorrem em alguns equívocos, como é o caso do Vico esteta e apolítico de Croce e Nicolini e do Vico anti-iluminista em Ajello e Galasso. (NADDEO,2011)

<sup>4</sup> Na quinta dignidade da *Scienza Nuova* (1744) lê-se: “A filosofia para aproveitar ao género humano, deve levantar e reger o homem caído e débil, não destruir-lhe a natureza nem abandoná-lo na sua corrupção” (VICO, 2005, p. 108)

sua *Scienza Nuova* (1744) que explica os elementos de uma ilustração, a *Dipintura*, para que o leitor possa “conceber a ideia desta obra antes de a ler” (VICO, 2005, p.3). Ainda assim, tal esforço não foi suficiente e para evitar o esquecimento que a obra de Vico sofreu. Diante disso, os estudiosos que prefaciaram as obras de Vico após sua morte frequentemente informam ao grande público sobre a pessoa e o pensamento do autor. Isso convida à reflexão sobre o papel que o gênero prefácio ocupa em textos não literários, precisamente nos textos filosóficos, em particular na *Scienza Nuova* e nos prefácios que antecedem edições de suas obras e estudos derivados, especialmente nos séculos XIX e XX. Em vez de tratar exaustivamente das fontes disponíveis, prefere-se abordar referências pontuais que nos permitem considerar contextos temporais e espaciais distintos, ainda que brevemente.

Adotamos a definição de Genette que denomina como prefácio (preâmbulo, advertência, exórdio, proêmio e seus outros nomes possíveis) todo texto liminar (escrito pelo próprio autor ou não) “que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue” (GENETTE, 2009, p.145). Não existem regras específicas para a construção dos prefácios, entretanto, ele é muitas vezes permeado pelas circunstâncias de modo que podem assumir funções variadas, geralmente determinadas “por considerações de lugar, de momento e de natureza do destinado” (GENETTE, 2009, p.175). Em outras palavras, embora o prefácio seja caracterizado por aspectos mais ou menos gerais, nota-se que eles podem variar consideravelmente – a depender do tipo de texto que antecede. No caso dos tratados filosóficos ou retóricos (os quais denomina textos didáticos), o pesquisador identifica o prevailecimento de uma função descritiva, tanto no período antigo como no moderno. O pesquisador descreve tal característica como uma forma de sobriedade em relação ao texto. (GENETTE, 2009, p.273).

Por outro lado, o pesquisador Consuta defende que nos textos filosóficos, os prefácios assumem disposições ligeiramente distintas do texto literário. Em vista de suas pretensões teóricas, o prefácio situa a obra num horizonte mais amplo ao indicar outros textos e tradições com que a obra estabelece um diálogo. Dessa maneira, ele estabelece uma relação com elementos que dizem respeito ao texto, ainda que de maneira implícita. Por essa razão, seguimos aqui a posição de Consuta que defendeu que o problema em questão consiste num movimento complexo em que vigoram, de um lado, os critérios e parâmetros do discurso filosófico, como as múltiplas questões relacionadas ao universo editorial, de

outro. (CONSSUTA, 2019, p.8). Com base nisso, essa investigação busca identificar quais os argumentos empregados por Vico e pelos viquianos nos seus prefácios.

Durante o curso deste escrito, será indicado que os prefaciadores empreenderam – cada qual ao seu modo – uma tentativa de esclarecer pontos de dificuldade e apresentar em termos gerais a filosofia de Vico. Nestes casos, o prefácio não é apenas um acessório discursivo ao trabalho filosófico e acaba por ocupar uma função estratégica. Com base nisso, sustentamos a hipótese de que é possível identificar que tal disposição não se limita às questões pedagógicas em Vico e nos viquianos em questão, tratando-se, de fato, de uma forma de legitimação de um projeto filosófico diante de outros.

## 2 Desenvolvimento

A começar pelo texto prefacial da edição de 1730 da *Scienza Nuova, Occasione di meditar si quest’Opera* excluído da versão de 1744 e que chama atenção pelas citações de cartas que Vico recebeu. Os longos trechos versam sobre a recepção da edição de 1725; o primeiro dos trechos é aquele da carta de padre Carlo Lodoli que elogiou a obra de Vico ao informar o interesse de reimprimi-la em Veneza; a segunda é a do Abade Antonio Conti que também se mostra favorável à reimpressão em vista da importância das reflexões e dos temas que trata, considerando-a importante para os eruditos de outros países (VICO, 2004, p.v-vi); por fim, há o trecho de Giovanartico di Porcia que também reforça a necessidade de uma nova edição. Diante destas considerações, Vico afirma que se sentiu obrigado a trabalhar mais uma vez na sua *Scienza Nuova*: “Aos gentis convites e influentes confortos de tantos homens, nos vimos obrigados a consentir com a Reimpressão e de escrever as Anotações e Acréscimos” (VICO, 2004, p.vii).<sup>5</sup> Vico também narra as dificuldades do processo de feitura da edição de 1730, produzida em paralelo com a autobiografia, informações que parecem externas aos problemas dispostos na sua obra são elencadas com o propósito de justificar como as circunstâncias de ordem prática influíram nas mudanças de ordem teórica. Ao reconhecer que o seu livro precisa ser aperfeiçoado, apresenta ainda uma postura humilde diante da recepção favorável da publicação de 1725, e se dirige diretamente ao leitor:

---

<sup>5</sup> Tradução de “A’ gentil’inviti, ed autorevoli conforti di tali, e tanti huomini noi ci vedemmo obbligati di acconsentir’a cotal Ristampa, e di scrivervi l’Annotazioni, ed Aggiunte”.

Portanto, se tu, *Leitor Cortês*, se por má sorte cair em lugares que o ofendem, lhe peço para suspender a repreensão até que tenha observado por dentro ou no fim se eles são corretos, melhorados ou aumentados; e se ainda assim não estiver satisfeito, usa do teu juízo (VICO, 2004, p. xii)<sup>6</sup>

Como se nota, Vico reconhece que a obra não se torna imune as críticas apesar de uma nova edição. Por outro lado, requerer do leitor uma disposição positiva diante da obra, não é uma simples demonstração de humildade da parte de Vico. Parece-nos que ao recorrer às cartas, Vico demonstra que a relevância do seu livro não é sua própria opinião, outras mentes foram responsáveis por reconhecer a dignidade da obra. A necessidade de reimpressão pode ser considerado um indicativo da importância da obra diante de outras num período em que os livros se multiplicavam.<sup>7</sup> Ainda assim, não houve muito espaço para a filosofia de Vico na primeira metade do século XVIII, período em que viveu. Neste contexto, as edições e traduções da obra de Vico foram publicadas muitos anos após o seu falecimento.

O emprego do prefácio para conferir dignidade à obra também parece ter sido a estratégia usada por Michelet (1789 -1874), como se nota nos textos introdutórios da sua tradução francesa da primeira *Scienza Nuova* publicada em 1835. No seu *prologo*, Michelet anuncia a originalidade da metodologia de Vico ao passo que indica os vários campos de atuação do pensamento viquiano, como a poesia, o direito e a política (MICHELET, 2020, p.19). Entretanto, o destaque fica para a história que antes de Vico “era um espetáculo infecundo, no máximo uma fantasmagoria divertida. Os fatos apareciam como fenômenos individuais e sem generalidade, não se podia deles extrair leis ou induções” (MICHELET, 2020, p.21). Essa mudança significativa entre a história moderna e antiga – imprescindível na historiografia – foi atribuída a Vico por Michelet.

Por isso, o tradutor francês ainda lamenta a ausência do prestígio do filósofo italiano, descrito por ele como representante da filosofia recôndita dos povos diante do cartesianismo disseminado no seu tempo (MICHELET, 2020, p.23). Na sua exposição sobre a filosofia de Vico, Michelet também enfatizou a dimensão teológica presente no conceito de

---

<sup>6</sup> Tradução de “Laonde, se tu, *Cortese Leggitore*, ti abatterai in luoghi, che per mala sorte ti offendino, ti prego, a sospenderne la riprensione, prima d’avergli osservati o dentro, o nel fine, se sieno correti, o migliorati, o accresciuti; che, se neppur’allora ne sarai soddisfatto, ivi usa del tuo giudizio”.

<sup>7</sup> Vico era da opinião de que “não se deveria sobrecarregar com mais livros a república das letras, que já não se sustem sob tamanha carga, e para qual só se deveriam trazer livros de descobertas importantes e de utilíssimas invenções” (VICO, 2017, p.113-114).

divina providência, criticando as filosofias que ele denominou como monásticas: o epicurismo e o estoicismo (MICHELET, 2020, p.29). De modo geral, Michelet repete os argumentos de Vico de modo que seus paratextos contém uma sùmula dos livros do autor.

Uma tradução italiana do *Diritto Universale* – originariamente escrito em latim – de Carlo Sarchi (1803-1879) publicada em 1866 contém um prefácio escrito pelo tradutor que também se encarga de apresentar a filosofia de Vico ao grande público. Contudo, Sarchi ressalta aspectos que acredita serem atuais, como é o caso da relação entre os conceitos de razão e autoridade. Ao partir desta relação, Sarchi defendeu a contemporaneidade de Vico, principalmente no que concerne a sua hipótese da função do direito na origem da civilização – e sua composição em classes antagônicas. Sarchi explica que a atualidade da teoria de Vico sobre o direito se comprova no carácter antiquado das leis nas nações modernas:

[...]Na Alemanha, a maior erudição está a serviço de interesses da aristocracia mais do que qualquer outro lugar. Seus juriconsultos buscam provar que leis velhas para boa parte da Europa ainda conservam os avanços do direito feudal e são expressão legítima e necessária ao povo alemão. Nos lugares mais distantes, encontramos os Estados Unidos da América, com um direito fundado pelos naturalistas com uma alegada diferença essencial do organismo das várias raças humanas. Para quê? Para manter obrigados os pobres negros em estado de eterna escravidão! No presente livro, Vico irrefragavelmente comprovou que a índole específica dos costumes feudais não se refere a alguma raça, mas a certo grau de civilidade. Razão pela qual a invasão das províncias do Império Romano, o modo de possuir os recursos conquistados e de transmiti-los hereditariamente o domínio se determinam unicamente pelo rude conceito de pátria conquistada, formando aquele complexo de razões que constitui o *direito feudal*. (SARCHI, 1866, p.xiii)<sup>8</sup>

O trecho em questão revela o que para Sarchi significava a atualidade de Vico: ao discorrer sobre os patrícios romanos, ele também fala sobre a aristocracia em sentido amplo, a pesquisa viquiana sobre a origem do direito também é uma crítica ao direito moderno. O uso da razão para perpetuar privilégios de uma classe sobre a outra, presente na modernidade, confirma os princípios apresentados por Vico. Ainda sobre a atualidade da filosofia de Vico, vale considerar um dos prefácios da edição de Giuseppe Ferrari (1812-1876) das obras viquianas. Em *Al Lettore*, Ferrari anuncia que as ideias de Vico não só abordam os

---

<sup>8</sup> Tradução de: In Germania, più che in ogni altra parte, la più vasta erudizione è venuta in aiuto degli aristocratici interessi. Ivi vollero provare i giureconsulti che le invecchiate leggi, le quali in gran parte d'Europa conservano tuttora tanti avanzi del gius feudale, sono legittima e necessaria espressione del proprio genio dei popoli germanici. Ed a più lontane regioni rivolgendoci, ritroviamo negli Stati Uniti d'America aver fondata i naturalisti sovra una mentita essenziale differenza dell'organismo delle varie razze umane il diritto e chi sa? Forse anche il dovere di mantenere i miseri neri in istato di perpetua schiavitù!

interesses presentes entre os pensadores do século XVIII como também antecipam muitas concepções que seriam defendidas mais tarde<sup>9</sup> e também trata sobre a obscuridade do pensamento de Vico, bem como as dificuldades de sua recepção (FERRARI, 1839, p.i-ii).

Ferrari defende que Vico se destaca em relação aos seus antecessores por haver refletido sobre as origens da civilização na qual o homem primitivo é considerado numa epistemologia própria, em vez de considerá-lo segundo princípios da razão já desenvolvida, como Grotius (FERRARI, 1839, p.v-vii). Apesar disso, a abordagem de Ferrari se apresenta menos apologética do que a de Michelet e Sarchi: Ferrari problematiza a metodologia empregada por Vico na sua autobiografia. Sua posição é que, embora Vico discorra sobre os equívocos e dificuldades do curso dos seus estudos, ele falha em reconhecer os erros e inconsistências do seu sistema. No prefácio do sexto volume da edição de Ferrari, o estudioso busca construir uma hipótese comedida sobre a recepção da filosofia de Vico:

A obscuridade de Vico não pode ser um fato meramente casual: um século e uma nação não são hostis nem favoráveis gratuitamente. A obscuridade de Vico é, portanto, um problema histórico que envolve o destino da ciência por ele proposta na sua solução. É um daqueles problemas que podem ser facilmente resolvidos, contudo, são o corolário de uma ciência inteira: quem o recusa, ignora a ciência, quem o aceita, ligeiramente supera, trata o milagre como um acidente (FERRARI, 1852, p.xiii).<sup>10</sup>

Para Ferrari, a recepção de Vico está diretamente relacionada com a ideia de ciência que ele defendeu – algo que decorre da sua originalidade. Outros prefácios enfatizam questões estilísticas, como é o caso da tradução estadunidense da *Scienza Nuova* (1744) de Bergin (1904-1987) e Fisch (1901-1995). Embora o prefácio consista em sua maior parte em informar sobre questões editoriais e das dificuldades que se apresentam ao ter o inglês como língua destino, a conclusão é reveladora quanto à concepção que os tradutores possuíam do autor:

---

<sup>9</sup> Os textos *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade* e *Ensaio sobre a origem das línguas* de Rousseau retomam temas presentes na *Scienza Nuova* de Vico. Ver ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Rousseau – Escritos sobre a política e as artes*. Org. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora UNB, UBU, 2020.

<sup>10</sup> Tradução de: L'oscurità di Vico non può essere un fatto meramente casuale: un secolo e una nazione non sono gratuitamente ostili, né gratuitamente favorevoli; l'oscurità di Vico adunque è un problema storico che involge nella sua soluzione i destini della scienza da lui proposta: questo problema è uno di quelli che possono essere sciolti facilmente, ma che sono il corollario di un'intera scienza: chi lo ricusa, ignora la scienza; chi l'accetta e vi sorpassa leggermente, tratta un miracolo come un accidente (FERRARI, 1852, p.xiii)

Um crítico argumentou recentemente que Vico é mais poeta do que filósofo e que o seu estilo é essencial para a completa comunicação de seu sentido. Talvez não seja exagerado afirmar que ele é ainda mais profeta do que poeta e que sua linguagem, com toda a sua obscuridade, incoerência e magnificência, é a linguagem de alguém que contempla uma visão. Certamente, os frequentes “como já vimos” e “como veremos em breve” traem a característica essencial do vidente. A visão está com ele para sempre em toda a sua totalidade cegante; totalmente brilhante em suas muitas facetas, Vico, mesmo quando preso em algum aspecto de sua revelação, nunca ignora os outros. Suas referências conectam primariamente as partes da visão para frente e para trás e apenas secundaria e imperfeitamente as partes do livro. Não tentar transmitir algo dessa divina ou heroica intoxicação seria deixar de traduzir Vico em qualquer sentido real da palavra (BERGIN, MAX, 1948, p. ix).<sup>11</sup>

Em resumo, os tradutores optam por tentar afirmar ao público que a dimensão poética da escrita de Vico é uma característica positiva em vez de negativa. Já na tradução mexicana de José Carner, Vico é retratado como um autor que foi bem-sucedido em unir a tradição dos estudos clássicos e a sabedoria popular sem descuidar da racionalidade, e recomenda o estudo em vista do seu potencial estimulante, algo que reconhece como consequência do caráter inventivo da filosofia viquiana (CARNER, 1941, p. 10).

No século XX, a percepção apresentada por Ferrari será retomada em Badaloni (1924-2005) na sua introdução à edição de Paolo Cristofolini (1937-2020) às obras filosóficas de Vico. Badaloni explica que existiram três correntes de pensamento com as quais Vico dialogou; a primeira é dos naturalistas influenciados por Espinosa (1632-1677); a segunda é a dos teólogos-metafísicos como Malebranche (1638-1715) e a terceira era aquela da disputa entre os antigos e os modernos no que se refere as questões sobre o ordenamento da natureza – debate entre materialistas e naturalistas em oposição aos teólogos (BADALONI, 1971, p.xiv-xv). Para Badaloni, a novidade de Vico diante dessas escolas é a sua metodologia – que reconhece possibilidades limitadas e condicionadas no âmbito histórico, substituindo as infinitas especulações (BADALONI, 1971, p.xvi).

---

<sup>11</sup> Tradução de: A recent critic has argued that Vico is more poet than philosopher, and that his style is essential to the full communication of his meaning. Perhaps it would not overstrain the point to say that he is even more prophet than poet, and that his language, with all its obscurity, incoherence and magnificence, is the language of one beholds a vision. Indeed the frequent “as we have already seen” and “as we shall soon see” betray the essential characteristic of the seer. The vision is forever with him in all its dazzling totality; it is a scintillant whole though with many facets, and Vico even while enraptured by one aspect of his revelation is never unaware of the others. His references forwards and backwards connect primarily the parts of the vision, and only secondarily and imperfectly the parts of the book. Not to attempt to convey something of this divine or at least heroic intoxication would be to fail to translate Vico in any real sense of the word (BERGIN, MAX, 1948, p. ix).



Mais tarde, a tradução francesa (1983) do segundo volume do *Diritto Universale, De Constantia*, começa com um texto ensaístico de Schefer (1938-2022) que exprime as ideias de Vico, enfatizando a relação entre história e linguagem às vezes favorável e às vezes contrário à interpretação de Michelet. Por outro lado, o prefácio da tradução brasileira da *Scienza Nuova*, de Luchesi (1963 -) (1999)<sup>12</sup>, apresenta elementos importantes da filosofia viquiana, como a descoberta do verdadeiro Homero e a teoria da história ideal eterna, ao mesmo tempo, em que escreve sobre a importância de Vico para a filosofia em sentido amplo, pois

a história em Vico não se repete, muito embora produza formidáveis analogias, que não podem e que não devem ser desprezadas. E não as desprezaram Benjamim e Marx, fascinados com a lógica de que os homens conhecem a história porque fazem a história. Não as desprezaram Edmund Wilson, que começou a viagem à Finlândia em Vico, e Ernst Cassirer que nele percebeu um dicionário de formas simbólicas (LUCHESE, 1999, p.21)

Ao indicar como Vico esteve presente em autores de tradições teóricas diversas, Luchesi defende que a relevância de Vico se estende para além dos estudos viquianos: a obra do filósofo italiano atua como uma espécie de chave hermenêutica, capaz de auxiliar múltiplos objetos de pesquisa. O tradutor confere ao livro o estatuto de obra fundamental, que vale ser estudada em vista de interesses de pesquisa que não se restringem ao entendimento estrutural do pensamento viquiano. Os prefaciadores geralmente contribuem para o debate sobre o estatuto da originalidade da obra de Vico, tema que também está presente nos estudos sobre o filósofo. Por isso, trataremos brevemente sobre os prefácios nos estudos sobre Vico antes de concluir a presente exposição.

A tese de que Vico seria um autor radicalmente original, e por isso, responsável por várias inovações no campo das ciências humanas – como a estética filosófica – foi amplamente disseminada. É este o caso de Benedetto Croce (1866-1952), que no segundo prefácio do seu livro sobre a filosofia de Vico concebe-o como pensador original e revolucionário em vez de católico e dogmático (CROCE, 1962, p.x). Gentile (1875-1944), num curto prefácio ao seu volume de estudos sobre Vico, o considera precursor de autores como Kant e também dos pós-kantianos. (GENTILE, 1968, p. 6). Não há dúvida de que essa

---

<sup>12</sup> No Brasil, a tradução parcial de Antônio Lázaro de Almeida Prado publicada em 1974 na coleção pensadores, não possui um prefácio ou qualquer outro texto introdutório, apenas uma nota informando do sistema de colchetes para indicar as suas intervenções em vista das dificuldades de tradução.

afirmação – mesmo direta e sem qualquer ornamento – consiste num grande elogio à filosofia viquiana. Enquanto Gentile esconde seu entusiasmo em afirmações categóricas, Nicolini (1879-1965), editor da obra de Vico no início do século XX, não economizou elogios chamando-o de “*Eroe della vita morale*” e “*Eroe della vita del pensiero*” (NICOLINI, 1953, p. viii), considerando como extraordinárias a vida e a produção do autor. Ao demonstrar o caráter específico da filosofia e da pessoa de Vico, Nicolini encontra uma forma de persuadir o leitor de que está em contato com um grande pensador tal qual outros nomes indiscutíveis do pensamento europeu que é sobretudo um italiano. Com base no que foi exposto até o presente momento, nos encaminhamos para a conclusão.

### 3 Conclusão

Os paratextos viquianos buscam justificar a sua filosofia ressaltando aspectos que os autores julgam relevantes para a audiência. No prefácio que Vico escreveu para a segunda edição da sua *Scienza Nuova*, ele busca justificar a produção da nova edição fornecendo informações sobre as circunstâncias de sua produção. Ao passo que se nota que argumentos que buscam conferir dignidade à obra também se repetem nos prefácios das traduções, como em Michelet, que faz de Vico precursor da historiografia moderna e em Sarchi que busca demonstrar que a teoria de Vico sobre a gênese do direito romano serve como crítica aos abusos presentes no direito moderno.

Esses argumentos ganham força nos textos de Croce, Nicolini e Gentili, que possuem um forte tom apologético em relação à Vico. O tom apologético se faz presente também quando os prefaciadores enfatizam questões estilísticas, como é o caso da tradução americana de Bergin e Fischer, que defenderam a poética da prosa viquiana, característica que também é indicada na tradução mexicana de Carner. Os autores não se furtam de apresentar diretamente os motivos pelos quais o texto de Vico deve ser lido, como é o caso de Luchesi, que demonstrou como Vico foi influente em autores ilustres de correntes teóricas diversas.

Em vista do que foi exposto até então, defendemos à seguinte conclusão. Os prefácios do universo viquiano assumem múltiplas orientações, mas compartilham um objetivo comum que é a apresentação da filosofia do autor. Por outro lado, também é possível perceber que o pensamento de Vico impõe limites aos seus paratextos: a diversidade dos

temas tratados e as dificuldades suscitadas por sua escrita são temas que não podem ser contornados. Criticar, refutar e qualificar fazem parte das estratégias adotadas pelos autores ao apresentarem a filosofia de Vico em relação com outros autores e correntes de pensamento. A depender do aspecto que busquem ressaltar, elas enfrentam o problema da obscuridade de Vico reforçando como algo positivo ou negativo, mas sempre reforçando a relevância do filósofo. No caso de Vico, os paratextos não buscam meramente obter a benevolência dos seus leitores, mas sim legitimar a sua filosofia. Desse modo, eles moldam a recepção da obra e se tornam parte dela, seja pela via da apologia ou da crítica.

## Referências

BERGIN, Thomas Goddard; FISCH, Max Harold. Preface. In: VICO, Giambattista. **The New Science of Giambattista Vico**. Cornell University Press: New York, 1948.

BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Trad. Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

CARNER, José. Prólogo. In: VICO, Giambattista. **Giambattista. Ciencia Nueva**. Trad. José Carner. Fondo de Cultura Económica: México, 1941.

CONSSUTA, Frédéric. **La préface en philosophie : une approche discursive, Argumentation et Analyse du Discours**, vol.22. abril de 2019. Acesso em 19 de fevereiro de 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/2990>.

CROCE, Benedetto. **La filosofia di Giambattista Vico**. Bari: Laterza, 1962

FERRARI, Giuseppe. Al lettore. In: VICO, Giambattista. **Scienza Nuova (1744)**. Ed. Giuseppe Ferrari. Società tipografica de classici italiani: Milano, 1839.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad.br. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GIOVANNI, Gentile. **Studi Vichiani**. Firenze: Sansoni, 1968.

LUCHESE, Marco. Monumental Afresco da História. In: VICO, Giambattista. **A Ciência Nova**. Trad. br. Marco Luchesi. Record: Rio de Janeiro, 1999.

MICHELET, Jules. Discurso sobre o sistema e a vida de Vico. Trad. Maria Juliana Gambogi Teixeira. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 15-45, jan-abr. 2020.

NADDEO, Barbara Ann. **Vico and Naples – The urban origins of modern social theory**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011.

NICOLINI, Fausto. Introduzione. In: VICO, Giambattista. **Opere**. Ed Fausto Nicolini. Ricciardi: Milano, 1953.

SARCHI, Carlo. Prefazio del Traduttore. In: VICO, Giambattista. **Dell'unico principio e dell'unico fine del diritto universale**. Trad. Carlo Sarchi. Tipografia di Pietro Agnelli: Milano, 1866.

SCHEFER, Jean Lous. La mort d'Adam. In: VICO, Giambattista. **Origine de la poésie et du droit – De Constantia jurisprudentis**. Trad. Fra. Catherine Henri et Annie Henry. Paris: Cafe Clima Éditeur, 1983.

VICO, Giambattista. **Ciência Nova (1744)**. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.

VICO, Giambattista. **Princípios de uma ciência nova**. Trad. Antonio Lázaro de Almeida Prado. Abril Cultural: São Paulo, 1974.

VICO, Giambattista. **Scienza Nuova (1730)**. IPSF-LAB: Napoli, 2004.

VICO, Giambattista. **Vida escrita por si mesmo**. Trad. Ana Cláudia Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2017.

**Recebido em:** 15/05/2023

**Aprovado em:** 09/08/2023

**Publicado em:** 20/10/2023